

A reforma urbana e o subúrbio carioca na historiografia¹

CRISTIANE REGINA MIYASAKA²

Ainda que a historiografia a respeito das reformas urbanas empreendidas no Rio de Janeiro no início do século XX seja ampla, raros são os trabalhos que se dedicaram ao estudo das conseqüências dessas reformas na vida de seus habitantes. Sendo assim, a comunicação tem como objetivo apresentar um balanço da historiografia que trata do período do “bota-abaixo”, bem como de que maneira os subúrbios cariocas foram abordados nesses trabalhos. Essa reflexão é parte da pesquisa que desenvolvo no mestrado, ainda em fase inicial, que investiga o impacto das reformas urbanas no cotidiano dos trabalhadores que viviam em Inhaúma – um distrito suburbano carioca –, em finais do século XIX e início do XX.

Dentre os historiadores que empreenderam esforços para investigar, de maneira crítica, o processo de renovação urbana pelo qual passou a Capital, merece destaque a obra de Jaime Benchimol: *Pereira Passos: um Haussmann tropical*³. Partindo de um instrumental teórico marxista, o autor apresentou detalhadamente os antecedentes da reforma, bem como o seu desenrolar. Obra de referência sobre o assunto, nela é possível encontrar tanto reflexões mais gerais acerca desse processo de transformação urbana, como detalhes a respeito de quais ruas foram modificadas, por quais delas circulavam os carroceiros, etc.

Levando em consideração que o seu trabalho não é uma mera descrição dessas mudanças, mas uma análise do processo, vale ressaltar que o autor busca relacionar a transição do sistema escravista para o capitalista às modificações que ocorreram na estrutura física da cidade. Desse modo, na primeira parte da obra, Benchimol apresenta o Rio de Janeiro do início do século XIX como uma cidade escravista, na qual a mão-de-obra negra era fundamental para a realização de diversos serviços urbanos, utilizada tanto no

despejo de detritos das habitações como no fornecimento de energia braçal para as atividades realizadas no porto.

Durante a segunda metade desse século, o Rio sofre com o crescimento populacional, a crise habitacional, os surtos epidêmicos, o aumento da circulação de mercadorias no porto e em suas ruas estreitas e congestionadas. Além disso, no centro, encontravam-se cortiços, casas de cômodos, pequenas oficinas artesanais, escritórios de grandes companhias, casas de comércio, prédios públicos, bancos, entre outros. Benchimol chega à conclusão de que essa utilização do espaço já não atendia aos interesses dos capitalistas estrangeiros e brasileiros, nem aos do Estado republicano⁴. Sendo assim, todos esses fatores em conjunto influenciaram, com maior ou menor intensidade, a realização das reformas.

Cabe ressaltar ainda reflexões importantes que o autor fez a respeito do papel do Estado nesse processo. Considerando que as obras foram levadas a cabo por uma ação conjunta dos governos federal e municipal, Benchimol afirma que ocorreu o seguinte:

“(...) a expropriação ou segregação de um conjunto socialmente diferenciado de ocupantes de um espaço determinado da cidade – modificado pela ação do Estado – e sua apropriação por outras frações de classe. Essa ‘transferência’ realizou-se por intermédio de mecanismos de expropriação e valorização acionados diretamente pelo Estado.”⁵

Os grupos sociais segregados dos quais fala o autor eram constituídos por trabalhadores e membros da pequena burguesia, proprietária de pequenos estabelecimentos comerciais e de habitações coletivas, que não tinham condições de habitar na região renovada, cujos terrenos foram supervalorizados em razão das obras realizadas. Nesse sentido, Benchimol aponta que o “bota-abaixo” desarticulou uma “trama complexa de relações sociais”. Ao desapropriar e demolir diversos prédios, a vida dos que trabalhavam e residiam no centro da cidade foi alterada significativamente.

A respeito dos subúrbios, eles apareceram em dois momentos de sua obra: um antes e outro depois de analisar as reformas. O primeiro deles foi ao tratar da generalização do trabalho livre, apresentando a distribuição espacial das categorias profissionais. Na realidade, em 1870, as freguesias que iriam compor os subúrbios ainda eram denominadas freguesias rurais. Com base em Eulália Lobo e no censo de 1870, Benchimol descreveu que

tipo de profissionais existiam em cada freguesia, distinguindo quantos eram os livres e os escravos, quais atividades eram desenvolvidas, etc.

A segunda menção aos subúrbios ocorre quando Benchimol aborda o crescimento da periferia da cidade, em virtude das reformas. Inicialmente, ele afirma que em finais do século XIX a ocupação dos subúrbios ganhou impulso devido à instalação de estações ferroviárias. As linhas da Estrada de Ferro Central do Brasil, Rio D'Ouro e Melhoramentos cruzavam diferentes áreas da região. Porém, “a grande expansão dos subúrbios começou, de fato, na primeira e segunda décadas do século atual, estimulada, em larga medida, pelas demolições realizadas no centro da cidade.”⁶

Com relação à população que se dirigiu aos subúrbios, Benchimol afirma que foram “segmentos das ‘classes médias’”, pessoas que possuíam empregos estáveis, “como funcionários, militares, empregados, ou (...) trabalhadores especializados”. Ele faz essa observação com base em *Habitações populares*, de Backheuser⁷, que apontou o preço elevado e o tempo excessivo do transporte ferroviário, bem como o alto custo dos materiais de construção como obstáculos para a ida do proletariado para os subúrbios.

Outra obra que também tratou especificamente das reformas foi *A era das demolições*, de Oswaldo Porto Rocha⁸. Também partindo de uma perspectiva marxista, Rocha preocupou-se, assim como Benchimol, em apontar os principais interesses que levaram às reformas, embora com menos detalhes. Nesse aspecto, sua obra pouco se difere da anterior. Em suma, a implantação da ordem burguesa criou a necessidade reestruturar a cidade.

De acordo com Rocha, as poucas obras que trataram a respeito da renovação urbana adotaram o discurso da época, o qual enaltecia a “modernização” empreendida por Pereira Passos e Rodrigues Alves. Foi com o intuito de mostrar outros motivos que levaram ao “bota-abixo”, que o autor realizou sua pesquisa.

Uma primeira diferença com o trabalho anterior está relacionada à investigação da atuação e inserção do Clube de Engenharia no desenrolar das reformas. Essa associação, formada por alunos recém-formados da Escola Politécnica, industriais, comerciantes e

proprietários de firmas de construção civil, foi tratada pelo autor enquanto entidade da classe dirigente. Dentre os membros do Clube estava o engenheiro Pereira Passos. A instituição começou a ganhar importância no Rio de Janeiro por sempre se posicionar a respeito das propostas de melhoramentos para a Capital. Segundo Rocha, o Clube foi “o principal responsável pela manutenção do debate sobre o saneamento e urbanização do Rio de Janeiro durante duas décadas e não o poder público”⁹.

A segunda distinção que pode ser apontada em relação ao trabalho de Benchimol está relacionada à preocupação de Rocha em buscar pistas da “outra cidade”. Segundo o autor, para tal, foi necessário recorrer a fontes não-tradicionais, como a literatura, as biografias e o material sobre a história da música popular brasileira. Através dessas fontes, Rocha apresentou alguns aspectos da vida daqueles que habitavam locais que foram transformados pelas reformas, como os cortiços e os morros.

O autor tratou pouco sobre os subúrbios. Um primeiro momento foi quando ele abordou a expansão da cidade, através dos bondes e trens. Nas palavras do autor,

“Do mesmo modo que o bonde efetiva a ocupação de bairros na zona sul e norte, o trem possibilita a ocupação de áreas que hoje são chamadas suburbanas, algumas das quais recebem seus nomes em função da própria construção da ferrovia. Cascadura, por exemplo, é um nome originário da resistência do solo na ocasião da abertura dos leitos naquela área.”¹⁰

A segunda referência aos subúrbios é feita quando autor trata das conseqüências da reforma. Para ele, muitos trabalhadores permaneceram no centro da cidade por falta de condições econômicas para mudarem para outras regiões, como as suburbanas¹¹. Sendo assim, a principal alternativa para esses indivíduos foi a ocupação dos morros, que é entendida pelo autor como uma nova estratégia de sobrevivência.

É interessante notar ainda que, assim como Benchimol, Rocha destaca como uma das conseqüências desse processo o impacto nas práticas culturais, de resistência e de sobrevivência:

“Podemos dizer que são comunidades inteiras que desaparecem, *indivíduos que perdem sua identidade social*, na medida em que vêem seu universo cotidiano transformar-se em poeira, em questão de dias.”¹²

Afora essas duas obras que trataram especificamente das reformas, existem outras que abordaram o tema em parte de seus trabalhos. Esse é o caso, por exemplo, de A

evolução urbana do Rio de Janeiro, de Maurício de Abreu¹³. Com intuito de entender o Rio de Janeiro atual, o autor investigou as raízes da sua estratificação espacial “núcleo-periferia”.

Abreu privilegiou o estudo das prioridades e omissões do Estado, a fim de compreender de que maneira essa instituição contribuiu para a estratificação da cidade. De modo geral, sua investigação não difere das dos autores tratados anteriormente. Ele aponta que a primeira expansão acelerada da malha urbana, ocorrida entre 1870 e 1902, foi resultado das “necessidades de reprodução de certas unidades do capital, tanto nacional como estrangeiro”¹⁴.

Ao abordar essa expansão, Abreu também trata do papel dos bondes e trens, descrevendo detalhes sobre quais concessões foram feitas e a quem beneficiavam. Além disso, o autor afirma que apesar de bondes e trens terem induzido, de diferentes modos, o crescimento da cidade, a dicotomia “núcleo-periferia” que já se esboçava antes de 1870, foi apenas consolidada pela instalação desses meios de transporte, mesmo porque a própria escolha de cada um deles para uma região e outra já foi pautada nessa dicotomia que se constituía. Novamente, é nesse momento que os subúrbios aparecem devido às transformações operadas pela introdução das ferrovias nas freguesias rurais.

No que diz respeito às conseqüências das reformas, Abreu aponta a favela como “única alternativa que restou a uma população pobre, que precisava residir próximo ao local de trabalho”¹⁵. Porém, o autor aponta ainda que nem todos os expulsos dos cortiços ou que chegaram à cidade instalaram-se nas favelas. Nas palavras de Abreu, a “grande maioria, ao *que parece*, instalou-se nos subúrbios, contribuindo assim para a sua ocupação efetiva.”¹⁶ (grifo meu). Para fazer tal afirmação, o pesquisador baseou-se nos dados dos recenseamentos de 1890 e 1906, através dos quais é possível notar o “apreciável” crescimento populacional de freguesias suburbanas como Engenho Novo e Inhaúma.

Além dos trabalhos apresentados acima, existem aqueles que trataram especificamente de determinadas freguesias suburbanas. Sônia Bispo dos Santos analisou processos de defloração em Inhaúma, Espírito Santo e Engenho Velho. Sua dissertação

teve como preocupação o cotidiano de moças pobres – pardas e negras – e a visão da Justiça no que diz respeito à honra da família¹⁷. Joaquim Justino Moura dos Santos, por sua vez, dedicou sua tese de doutorado ao estudo das freguesias de Inhaúma e Irajá, desde o processo de distribuição de sesmarias até 1920¹⁸.

Segundo Moura dos Santos, durante a administração de Pereira Passos, o Estado atribuiu a função de áreas residenciais das “camadas trabalhadoras” às freguesias de Inhaúma e Irajá, fato esse que estava plenamente consolidado por volta da década de 1920.

O processo de urbanização, que se iniciou por volta da década de 1870, em Inhaúma, estava diretamente relacionado à valorização das terras dessa freguesia devido à instalação da Estrada de Ferro Dom Pedro II em 1858 e de suas estações no último quartel do século XIX¹⁹. Os próprios fazendeiros locais promoveram o loteamento de parte de suas terras e abriram diversas ruas²⁰. O autor afirma ainda que esse processo não ocorreu de maneira uniforme dentro da freguesia, uma vez que dependia das condições de acesso à cidade, proporcionada, no caso da região oeste de Inhaúma, pela E. F. D. Pedro II.

Também com base nos recenseamentos de 1890 e 1906, Moura dos Santos interpreta as mudanças ocorridas em Inhaúma. O crescimento populacional é a primeira característica apontada, uma vez que o número de habitantes eleva-se de 17.421 para 67.578, ou seja, ocorre um aumento de mais de 50.000 pessoas. Em comparação com os demais distritos da cidade, o autor afirma que Inhaúma foi o que mais cresceu no período²¹. Ainda com relação à população desse distrito, Moura dos Santos apresenta uma informação relevante: o número de trabalhadores da indústria passou de 815 em 1890 para 11.240 em 1906²². Além do mais, nesse mesmo período, o número de estabelecimentos do setor secundário diminuiu em tal distrito, mas permaneceu concentrado no centro do Rio de Janeiro. Levando em consideração que os estabelecimentos do setor terciário também se localizavam, em sua maioria, na região central da cidade, o autor concluiu – embora não tenha apresentado os dados – que grande parte das pessoas que se mudaram para Inhaúma ainda trabalhava nas áreas centrais da cidade.

Para Moura dos Santos, a transformação de Inhaúma em área residencial para as “camadas trabalhadoras” ocorreu por diversos motivos, dentre eles: o fato de esse distrito ser o mais próximo da cidade, a industrialização, o papel desempenhado pelos trens e pelos bondes, o custo mais baixo das moradias e, principalmente, a reforma urbana empreendida por Pereira Passos. Para o autor, a intencionalidade do Estado em transformar Inhaúma, e posteriormente Irajá, em área residencial para “camadas trabalhadoras” pode ser identificada a partir do que foi priorizado durante as reformas:

“A menor atenção dada ao subúrbio pelo Estado, como representante das elites dominantes, indicava o papel que reservava ao subúrbio enquanto área dedicada à moradia das camadas mais pobres da população, bem como a transposição para o espaço do município da hierarquia social própria à sociedade capitalista que se implantava.”²³

Acredito que esse argumento precisaria ser melhor desenvolvido. Diversas mudanças ocorreram nas freguesias rurais ao longo de todo o século XIX. O crescimento de cada uma delas foi desigual, mas também aconteceu no período. De 1872 para 1890, por exemplo, Irajá cresceu 122%, Inhaúma 135% e Jacarepaguá 96% ²⁴. Ao mesmo tempo, a elevação demográfica total das freguesias rurais atingiu 101%. Diante dessas informações, existe alguma relação entre o crescimento gradativo que se deu durante o século XIX e aquele que ocorreu no período das reformas de Pereira Passos? Os motivos que levaram ao aumento populacional ao longo do século XIX contribuem para a caracterização de Inhaúma e Irajá como áreas residenciais para “camadas trabalhadoras”? Essas são algumas questões para as quais Moura dos Santos não atenta.

Como é possível observar, de modo geral, os subúrbios cariocas aparecem na historiografia que trata das reformas urbanas em dois momentos: o primeiro deles é quando se aborda a expansão ferroviária ocorrida no último quartel do século XIX; o segundo é ao tratar do deslocamento populacional provocado pelo “bota-abaixo”. Além disso, alguns autores apontam que os trabalhadores que se mudaram para os subúrbios, nesse período, tinham empregos estáveis, porém, nenhum deles apresenta quais foram as fontes que empregaram para essas afirmações. Somente Moura dos Santos, que trata especificamente

de freguesias suburbanas, aponta algumas características sobre essa população com base em dados censitários.

Através do que foi apresentado até aqui, nota-se que a análise da reforma urbana empreendida no Rio de Janeiro no início do século XX foi feita por diversos autores. Contudo, um estudo mais rigoroso das conseqüências desse processo ainda não foi realizado. Do meu ponto de vista, estudar os motivos que levaram à renovação urbana é tão importante quanto investigar os seus desdobramentos – que grupos sociais foram atingidos e de que maneira. Sendo assim, a pesquisa que desenvolvo, além de se debruçar sobre quem eram os trabalhadores que se deslocaram para Inhaúma, pretende buscar também como eles vivenciaram essas mudanças e como criaram alternativas para enfrentá-las.

¹ Uma primeira versão desse texto foi apresentada como parte de minha monografia de conclusão de bacharelado, cujo título é “Cotidiano dos moradores suburbanos do Rio de Janeiro através das páginas da imprensa (1913)”, orientada pelo Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha. Agradeço, além do meu orientador, aos professores Sidney Chalhoub e Michael Hall, que fizeram parte da banca examinadora, pelas sugestões e pelos comentários ao texto, que foram incorporadas nessa nova versão.

² Mestranda em História Social do Trabalho – Unicamp (crisifch@terra.com.br). Essa pesquisa tem apoio financeiro da FAPESP (março/2005 a fevereiro/2007).

³ Jaime Larry Benchimol. *Pereira Passos: um Haussmann Tropical*. A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.

⁴ Cf. *Ibidem*, p. 245.

⁵ *Ibidem*.

⁶ *Ibidem*, p. 262.

⁷ O estudo de Everardo Backheuser foi publicado em 1906.

⁸ Oswaldo Porto Rocha. *A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1986.

⁹ *Ibidem*, p. 52.

¹⁰ *Ibidem*, p. 37.

¹¹ *Ibidem*, p. 81.

¹² *Ibidem*, p. 110.

¹³ Maurício de A. Abreu. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: ILPLANRIO & Zahar, 1987.

¹⁴ *Ibidem*, p. 43.

¹⁵ *Ibidem*, p. 66.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Sônia Bispo dos Santos. *Honestas ou transgressoras: o cotidiano das menores pretas e pardas através dos processos de defloramento, na cidade do Rio de Janeiro - 1894 a 1911*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2000.

¹⁸ Joaquim J. Moura dos Santos. *De freguesias rurais a subúrbio: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em História Social, USP, 1996. Ver também a dissertação de Mestrado de Joaquim J. M. dos Santos, que tratou exclusivamente de Inhaúma. *Contribuição ao estudo da história do subúrbio do Rio de Janeiro: a freguesia de Inhaúma (1743 a 1920)*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1987.

¹⁹ Cf. Joaquim J. M. dos Santos, *De freguesias rurais...*, p. 231.

²⁰ Cf. *Ibidem*, p. 232.

²¹ *Ibidem*, p. 244. Embora Moura dos Santos não tenha apontado, vale ressaltar que o distrito de Engenho Velho também teve um crescimento populacional, em números absolutos, de mais de 50.000 habitantes, pois passou de 36.988 residentes para 91.494. Contudo, em termos proporcionais, o crescimento de Inhaúma foi maior. Enquanto Engenho Velho cresceu 147% – valor também alto –, Inhaúma aumentou em 293%. Cf. Maurício de Abreu, *op. cit.*, p. 67.

²² Cf. Joaquim J. M. dos Santos, *De freguesias rurais...*, p. 244.

²³ *Ibidem*, p. 256.

²⁴ Cf. Maurício de Abreu, *op. cit.*, p. 54.